

"Repletos do Espírito Santo": *Atos dos Apóstolos* e a construção de uma identidade cristã

Monica Selvatici (IFCH/UNICAMP)

Esta comunicação tem por objetivo analisar o desenvolvimento da representação de uma identidade cristã ao longo do relato do livro de *Atos dos Apóstolos*, presente no Novo Testamento da Bíblia cristã. Seguindo o conceito de representação a partir da definição de Roger Chartier em seu texto *O mundo como representação*¹, entendemos ser ela um certo tipo de prática que tem por função articular e conferir sentido ao restante das práticas sociais. A noção de representação, tal como postula Chartier, é tributária da formulação de Michel Foucault acerca da ordem do discurso. Para o filósofo francês, o discurso não se tratava apenas de um enunciado pronunciado ou escrito: ele era, na realidade, um enunciado capaz de produzir práticas. Neste sentido, as representações têm o poder de interferir na realidade social na medida em que articulam e conferem sentidos vários ao conjunto das práticas humanas.

O livro de *Atos dos Apóstolos* é um relato escrito ainda em fins do século I com o nítido propósito, não apenas de narrar os feitos de dois importantes cristãos como foram Pedro e Paulo de Tarso, mas principalmente de divulgar e propagandear o sucesso da expansão da nova fé cristã. A utilização do conceito de representação como instrumento na análise deste livro permite a distinção clara entre dois níveis de trabalho: aquele sobre os eventos que forneceram o conteúdo para a escrita de Lucas (o suposto autor do livro) e aquele sobre as práticas produzidas por esse discurso. Assim, ao desenvolver a noção de uma obediência dos apóstolos às determinações do Espírito Santo em sua missão de levar o evangelho 'até os confins da terra', Lucas é capaz de conferir um sentido de unidade (na realidade, muito pouco presente) aos momentos iniciais da seita judaica que enxergou em Jesus o Messias de Israel e camufla, ao longo do relato, as diversas crises que o movimento cristão sofreu durante as suas primeiras décadas de vida.

Ainda que a validade das informações contidas em *Atos* seja discutida e muitas vezes questionada, o livro apresenta o gênero de uma monografia histórica, segundo M. Hengel (1979: 36). Entretanto, como sabemos, ele se encontra no início de toda uma tradição cristã de textos apologéticos que se desenvolve posteriormente. Trata-se de um relato de tradição marcadamente paulina. Foi redigido em grego e as discussões dos exegetas a respeito de sua datação o situam, segundo consenso cauteloso, no abrangente período sub-apostólico (que começa em 70, quando da

¹ CHARTIER, R. "O mundo como representação". *Estudos Avançados* 11 (5), 1991: 173-91.

destruição de Jerusalém e de seu templo pelos romanos, e finda em 100, ou seja, no fim do século I)².

O autor de Atos é identificado, desde a data de 175 segundo o parecer das igrejas³, com Lucas, o discípulo de Paulo de origem gentílica que teria acompanhado o apóstolo em sua segunda e terceira viagens missionárias. A Lucas, desde a mesma data, é também atribuído o terceiro evangelho. Isto se deve ao fato de que ele foi escrito em grego para os cristãos da gentilidade, possivelmente por um autor não judeu. As semelhanças entre Atos e o evangelho segundo Lucas são fortes. A relação entre ambos os textos é indicada por seus prólogos e por seu parentesco literário, isto é, a linguagem é bastante similar. Em ambos prólogos, o autor se dirige a um tal Teófilo (que, coincidentemente ou não, em grego significa ‘amigo de Deus’) e, no prólogo de Atos especificamente, faz-se referência ao evangelho como o ‘primeiro livro’ do autor e há também o resumo do conteúdo deste último, assim como a reprodução dos acontecimentos finais, nele relatados, de forma a dar seqüência à narração.⁴

O objetivo de Lucas (ou do pretense Lucas), no texto, é relatar a missão de evangelização dos apóstolos após as palavras de exortação à pregação universal transmitidas a eles, segundo At. 1,8, pelo Cristo ressuscitado, momentos antes de sua ascensão aos céus: “*E sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria e até os confins da terra*”. Entretanto, o texto confere um destaque especial (na realidade, metade do livro) à atuação de Saulo de Tarso, e quando já cristão, Paulo, na referida missão de evangelização em relação aos doze apóstolos. De fato, o trabalho destes nem é relatado, a não ser os episódios ligados à figura de Pedro, e num espaço de apenas menção no que concerne à figura de João. Lucas dedica metade do texto à missão de pregação de Paulo aos gentios em suas diversas viagens. Reside aí seu caráter apologético.

Sabemos que o escritor de Atos e do terceiro evangelho procurou narrar a história dos primeiros anos do Cristianismo segundo a perspectiva antiga grega pela qual os historiadores deveriam estar preocupados com a clareza da exposição, a veracidade dos fatos e estar na condição de testemunha ocular deles. No prólogo ao evangelho, que se assemelha aos dos historiadores helenísticos, Lucas admite relatar fatos nos quais não estava presente, mas se justifica afirmando que estes provêm de fonte segura, na medida em que “*no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram **testemunhas oculares e ministros da Palavra***” (Lc. 1,2). E deixa subentendido que utilizou fontes diversas para construir seu relato ao prosseguir em Lc. 1,3 : “*a mim também pareceu*

² Há, no entanto, autores mais céticos, como Clark Lee, Meyers, Rogerson e Saldarini que acreditam pertencer o relato já ao início do século II. Ver 1997: 521.

³ Que é fruto da concordância entre o que diz o documento romano ‘Cânon de Muratori’, o prólogo anti-marcionista, santo Ireneu, os alexandrinos e Tertuliano, segundo a introdução ao livro dos *Atos dos Apóstolos* na Bíblia de Jerusalém, 1994: 2041.

⁴ *Ibidem*: 2041.

*conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo”.*⁵

Em Atos o mesmo procedimento, ou seja, a utilização de fontes diferentes sobre a história inicial do movimento cristão para o encadeamento do relato, parece ter sido tomado pelo autor. Quando aplicado o método semiótico da leitura isotópica, tornam-se visíveis as mudanças axiológicas ao longo do eixo narrativo na medida em que os assuntos mudam. A morte do rei Herodes Agripa I (41-44 d.C.)⁶ que perseguiu e mandou matar membros do grupo cristão, como Tiago, irmão de João, é um dos pouquíssimos acontecimentos relatados com uma severidade não encontrada em trechos subsequentes da narração:

No dia marcado, Herodes revestiu-se dos trajes reais e tomou lugar na tribuna. Começando ele a falar à multidão, o povo pôs-se a aclamar: É a voz de Deus e não de um homem! No mesmo instante, porém, feriu-o o Anjo do Senhor, pelo motivo de não haver dado glória a Deus. Assim, roído de vermes, expirou. (At. 12,21-23. O grifo é nosso)

A menção ao Anjo do Senhor revela a procedência nitidamente judaica do relato. A crença nos anjos era forte no Judaísmo. O grego *aggélos* é tradução da palavra hebraica para ‘mensageiro’. Como seu primeiro significado é mensageiro de Deus, os anjos tinham por função primeira executar a vontade divina entre os homens.

De forma a reunir as várias fontes e construir um relato único e bem amarrado acerca da trajetória dos apóstolos, Lucas utiliza a técnica dos refrões redacionais ou estribilhos, inseridos no corpo do texto entre assuntos diferentes de modo a criar o sentido de unidade na narrativa. Assim, por exemplo, em At. 12,24, antes de iniciar um novo assunto, Lucas termina a passagem sobre Herodes com a frase: “*Entretanto, a palavra de Deus crescia e se multiplicava*”.

Após reconstruir a comunidade cristã primitiva de Jerusalém, Lucas dá prosseguimento à sua narrativa, enfocando os eventos que se mostram importantes e que compõem o sucesso e o cumprimento da missão colocada pelo Cristo. O autor procura camuflar as divergências que, de fato, existiram no interior do grupo dos cristãos (que foi composto por mais de uma comunidade e vertentes diversas que se apropriaram cada uma a seu modo da mensagem do homem que fora recebido como o Messias), de modo a construir um relato que apresente apenas o sucesso e a expansão do movimento.

Assim, Lucas relata a divisão entre os grupos dos hebreus e helenistas uma vez que ela compreende o primeiro passo em direção à final propagação da mensagem do Cristo ressuscitado “até os confins da terra”. Esta divisão poderia, em outras circunstâncias, ser fonte de vergonha uma vez que decorre de diferenças no interior do grupo cristão, porém Lucas é habilidoso ao retratá-la sem a coloração de uma quebra de unidade na igreja (algo que, de fato, não ocorreu a princípio).

⁵ O grifo é nosso.

Os grupos de hebreus e de helenistas compuseram duas vertentes diferentes no Cristianismo antigo: uma original, cuja comunidade se estabeleceu em Jerusalém e foi, em princípio centralizada em torno do grupo dos doze apóstolos, além de Maria, mãe de Jesus e outras pessoas próximas a ele, como Tiago, seu irmão (At. 12,17). Faziam parte também deste grupo todos os judeus que falavam originalmente o aramaico e tivessem nascido e vivido em território palestino, que se converteram após as aparições de Jesus, segundo eles, ressuscitado dos mortos, e após as primeiras pregações dos apóstolos. A segunda vertente, posterior, era integrada por judeus helenistas (que falavam o grego e eram advindos da diáspora). Estes, ao que parece, antes também faziam parte da comunidade hierosolimitana, mas se destacaram dela após o martírio de seu mentor Estêvão e se espalharam por toda a Palestina e regiões próximas, no Mediterrâneo oriental, iniciando as atividades missionárias da geração seguinte.⁷

Em At. 6,1-6, o autor relata a instituição dos sete helenistas (At. 6,5b: “*E escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Felipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia*”) que se encarregariam da distribuição diária de pão entre as mesas para o rito da comunhão. E já em At. 6,8, o assunto tratado é a conspiração contra Estêvão por parte dos judeus pertencentes às sinagogas helenísticas em Jerusalém, o longo discurso do cristão helenista e sua prisão em razão da pregação fervorosa que faz. Entre os dois diferentes assuntos, e podemos especular também, as duas fontes diferentes, Lucas insere um refrão redacional:

E a palavra do senhor crescia. O número dos discípulos multiplicava-se enormemente em Jerusalém, e considerável grupo de sacerdotes obedecia à fé. (At. 6,7)

Podemos identificar outro refrão em At. 9,31, que segue o estilo observado no trecho citado acima. O capítulo 9 é especial porque revela bem a construção narrativa de Lucas — que dá destaque à atuação de Paulo e parece equipará-lo à figura de Pedro. Em sua primeira metade, entre 9,1 e 9,30, o assunto abordado é a conversão de Saulo/Paulo, sua pregação em Damasco e sua primeira visita (já como cristão) aos apóstolos em Jerusalém. E na segunda metade (9,32 a 9,43), narra-se as curas promovidas por Pedro (de um paralítico na cidade de Lida e a ressurreição de uma mulher em Jope). Lucas une os dois trechos através de um de seus refrões redacionais:

Entretanto as Igrejas gozavam de paz em toda a Judéia, Galiléia e Samaria. Elas se edificavam e andavam no temor do Senhor, repletas da consolação do Espírito Santo. (At. 9,31)

Em Atos 12,1-3, Lucas se refere muito rapidamente às perseguições movidas aos cristãos pelo rei Herodes Agripa I:

⁶ Agripa I reinou no território da Judéia apenas entre os anos 41 e 44, quando morreu. Antes (desde o ano 6) e depois disso, esta região permaneceu sob governo de procuradores romanos.

⁷ JAEGER, 1991: 18.

o rei Herodes começou a tomar medidas visando a maltratar alguns membros da Igreja. Assim, mandou matar à espada Tiago, irmão de João. E vendo que isto agradava aos judeus, mandou prender também a Pedro.

A lacônica menção à morte de Tiago, irmão de João e filho de Zebedeu, enfim, um dos apóstolos de maior importância dentre os Doze (fato de extrema gravidade que, muito provavelmente, deixou transtornada a comunidade de Jerusalém), é apenas citado no relato de Lucas. Como explicação para esta pouca atenção do autor em relação a um acontecimento tão significativo, entendemos existirem dois motivos: o primeiro, aquele de não revelar explicitamente, ao longo do relato, as diversas crises e derrotas que o movimento cristão sofreu durante as suas primeiras décadas de vida (afinal, o texto tinha por fim mostrar a unidade e a expansão do movimento cristão). Um segundo motivo, a nosso ver, de maior peso, seria o fato de que a comunidade de Jerusalém perdera a sua proeminência no relato de Lucas em função do aparecimento da nova comunidade de Antioquia, na Síria, para qual os helenistas haviam rumado, segundo Atos 11,19, como consequência da dispersão causada pelo martírio de Estêvão.⁸ Nesta comunidade, os cristãos haviam até mesmo recebido seu novo nome, *Christianoús* (Atos 11,26), o que, segundo o ponto de vista de Lucas, os identificaria agora como um grupo distinto, desligado de designações que anteriormente se tinham referido a grupos judaicos, como os termos ‘galileu’ ou ‘nazareu’ tinham, por vezes, identificado o movimento de Jesus.⁹ A título de exemplo, em Atos 24,5, no processo de Paulo diante de Félix o procurador da Judéia, o acusador Tertulo refere-se a ele como: “... *é um dos da linha-de-frente da seita dos nazareus.*” Entretanto, a impressão que Lucas deixa em sua narrativa não condiz com a realidade da décadas de 30 e 40, pois sabemos que os cristãos só foram, pela primeira vez, identificados como um grupo separado e não judaico em fins do século I. Antes disso, tal distinção, ao menos aos olhos das autoridades romanas, não existia.

A conversão do centurião romano Cornélio por Pedro, em At. 10, é um divisor de águas no livro de Atos, “*esta narração tem o valor de exemplo: ela marca a passagem para os pagãos, o seu acesso ao Evangelho*”, nas palavras de H. Holstein (1977: 44). Lucas em sua narrativa mostra a virada para os pagãos (At. 13,46) de modo rápido, mas não repentino. Na realidade, o livro dos Atos “*marca uma progressão, ao mesmo tempo pastoral e geográfica, em comentário da ordem posta nos lábios de Jesus no dia da ascensão*” (HOLSTEIN, 1977: 42). Lucas se utiliza do relato da conversão de um gentio por Pedro (o líder dos apóstolos) de modo a legitimar e, assim, dar início à narração das posteriores conversões de gentios por parte dos helenistas em Antioquia (At. 11,20) e principalmente, das posteriores viagens missionárias de Paulo entre os gentios.

⁸ At. 11,19 relata que o grupo helenista evangelizou também cidades na antiga região da Fenícia e a ilha de Chipre, antes de chegar a Antioquia.

⁹ HENGEL, 1979: 103.

A divulgação da idéia de uma linearidade da expansão cristã, sempre voltada para o Ocidente e dentro dos limites do Império Romano, se mostra fundamental para a consolidação de uma identidade cristã desvinculada dos elementos judaicos que ainda a caracterizavam majoritariamente, e sempre aberta à presença não judaica da elite romana e dos provinciais que habitavam as cidades do Mediterrâneo. Não é inocente o relato da perda da proeminência da comunidade de Jerusalém e o destaque conferido à conversão de romanos graduados como o centurião Cornélio e demais não judeus e a ênfase sobre a fundação da comunidade de Antioquia, na Síria. Esta cidade, fundada em 300 a.C. por Seleuco, era um centro de comunicação por terra e também por mar através do porto e possuía uma importante comunidade judaica no local, cujas sinagogas recebiam um número considerável de gentios simpatizantes da religião judaica.

O caráter prosélito do livro é um dos aspectos que mais influenciam os autores a desconsiderá-lo como documentação segura dos primórdios do Cristianismo. Wayne A. Meeks é um dos que desconfiam do tom bem sucedido que o relato confere à expansão do movimento cristão: “*o autor de Lucas-Atos estava evidentemente interessado em retratar a seita cristã como seita que obtinha favor de cidadãos importantes e bem-colocados*” (1992: 25). Isso é verdade. No entanto, o tom apologético e prosélito do livro não invalida as informações que ele traz. Este tom interfere, sim, na forma como os eventos são relatados. Assim, por exemplo, enquanto Paulo não se furta a criticar a postura hipócrita de Pedro em relação aos cristãos gentios de Antioquia, Lucas mostra a controvérsia na comunidade em tom muito mais ameno e conciliador.

Martin Hengel, que é dos autores que mais fortemente defendem a historicidade de Atos, argumenta pertinentemente que muito da crítica contemporânea ao relato de Lucas é fruto de uma análise do livro a partir da perspectiva historiográfica moderna, que tinha como preceito a busca positivista pela imparcialidade (embora já não seja assim na pós-modernidade). Se observados a partir desta perspectiva, os autores antigos serão certamente tidos como tendenciosos — regra à qual o próprio Flávio Josefo não fugiria. Já observados segundo os propósitos da função social que cumpriam em seu tempo, é sabido que tais autores e, mais especificamente, os historiadores helenísticos procuravam “*fornecer um bom entretenimento para seus leitores (ou edificá-los), e quanto a isso Lucas não é exceção*” (Hengel, 1991: xiv). Deve-se levar em conta também certa característica da historiografia hebraico-judaica, da qual Lucas também é descendente: as intenções do autor nunca são reveladas explicitamente. D. E. Aune sintetiza bem um dos propósitos primeiros da tradição historiográfica Deuteronomica: “*apresentar o passado em termos de exemplos positivos e negativos do comportamento religioso 'nacional' judaico*” (1987: 103). Neste sentido, se pensarmos em termos das representações que o texto de Atos veicula a respeito de uma suposta unidade do grupo cristão e de uma expansão bem sucedida da Boa Nova pelo Mediterrâneo, perceberemos o quanto essas representações uma vez apreendidas e incorporadas produziram as

práticas do diálogo, do entendimento e do proselitismo entre os membros das diversas comunidades cristãs de fins do século I.

Bibliografia:

Textos antigos:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. (1994) *Novo Testamento*. São Paulo: Paulus.

NESTLE-ALAND. (1993) *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.

Textos específicos:

AUNE, D.E. (1987) "Luke-Acts and Ancient Historiography", in: *The New Testament in Its Literary Environment*. Philadelphia: The Westminster Press, pp. 77-115.

CHARTIER, R. "O mundo como representação". *Estudos Avançados* 11 (5), 1991: 173-91.

CLARK LEE, H., MEYERS, E.M., ROGERSON, J. & SALDARINI, A.J. (1997) "Christianity responds to Roman Culture and Imperial policy", in: *The Cambridge Companion to the Bible*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 519-537.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Petropolis: Vozes, 1982.

GONZÁLEZ-RUIZ, J. M. (1980) *O Evangelho de Paulo*. São Paulo: Paulinas.

HENGEL, M. (1979) *Acts and the History of Earliest Christianity*. London: SCM Press, pp. 35-126.

_____. (1991) *The Pre-Christian Paul*. London: SCM Press.

HOLSTEIN, H. (1977) *A Experiência do Evangelho: a Comunidade Cristã do Século I*. São Paulo: Edições Loyola.

JAEGER, W. (1991) *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Lisboa: Edições 70.

MEEKS, W. A. (1992) *Os Primeiros Cristãos Urbanos – O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas.